

FAGULHA



EDIÇÃO N°20

@FAGULHA_JORNAL

16 JUNHO 2026

PARA QUE SERVE A FILOSOFIA?

A Filosofia possui diversos métodos, pois cada forma de investigação demanda um método distinto. É comum, portanto, que os/as filósofos/as se utilizem de métodos segundo a demanda de suas distintas filosofias. Albert Camus, por sua vez, é um autor que se utiliza da literatura enquanto exposição de sua filosofia, ou seja, enquanto instrumento filosófico, visto que não há possibilidade de falar de uma verdade absoluta, que o mundo e sua complexidade não podem ser reduzidos aos sistemas filosóficos e suas definições. A literatura proporciona uma experiência estética para além da definição, o que introduz o leitor diretamente na experiência filosófica que se deseja. Ao falar do absurdo, Camus utiliza-se da experiência



estética de suas novelas como "O Estrangeiro" para levar o leitor à experiência do absurdo, da angústia e suas questões existenciais. Nesse sentido, a filosofia se une com a literatura, sendo a literatura a demonstração do que as definições não são capazes de evidenciar. Essa é, pois, a gênese da retomada dos mitos na filosofia contemporânea, pois uma filosofia sobre a vida só é possível ao nos depararmos com os conflitos da existência, ao acessarmos uma nova realidade a partir de cada página. É desta maneira que construímos aquilo que chamamos de "phrónesis": sabedoria existencial. Autor/a: Bruno Soares Rodrigues e Yohana Wanciw de Almeida.

""PHRÓNESIS": SABEDORIA
EXISTENCIAL"

FAGULHA



EDIÇÃO N°20

@FAGULHA_JORNAL

16 JUNHO 2026

OLHAR POPULAR

Em “Sobre o Conceito de História” (1940), Walter Benjamin escreve uma das frases mais duras: “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie”. O que isto significa? Quando observamos, por exemplo, a homenagem ao Tenente Ricardo Kirk em frente ao batalhão militar em Porto União, não percebemos o monumento como um todo. Há muito de violência e barbárie implícita. Kirk estava em missão de reconhecimento e mapeamento da área da “Cidade Santa”, em Santa Maria, que abrigava cerca de 20.000 sertanejos durante a Guerra do Contestado, quando morreu em um acidente com seu avião, que hoje tem uma cópia exposta na frente do batalhão. Tornou-se patrono da aviação por ser o primeiro aviador militar no Brasil. O reduto da autônoma Cidade Santa foi devastado pelo Exército Brasileiro na Páscoa de 1915: mais de 5.500 casas foram queimadas, igrejas



destruídas e cerca de 600 sertanejos mortos. O monumento, portanto, não celebra apenas um homem ou um feito técnico; ele revela a forma como a história escolhe quem será lembrado e quem será esquecido. Enquanto a memória do aviador é preservada em bronze, pedra e cerimônias, a experiência dos sertanejos permanece silenciada. É nisto que reside a necessidade da reflexão de Benjamin: todo monumento erguido aos vencedores carrega consigo as sombras daqueles que foram derrotados, expulsos ou mortos para que determinada narrativa histórica pudesse prevalecer. Autorlas: Caique Augusto, Rafaela Rodrigues e Flávia Janaina Abuda.

FAGULHA



EDIÇÃO N°20

@FAGULHA_JORNAL

16 JUNHO 2026

FOGO OU FUMAÇA?

Uma crença difundida desde o Renascimento é a de que não houve filosofia na Idade Média, apenas teologia, mas será isso verdade? Vejamos se é Fogo ou Fumaça. Sabe-se que durante a chamada Idade Média a filosofia era considerada "serva da teologia", porém, disso não segue que a filosofia foi descartada, mas que os medievais buscavam provar que a razão humana e a fé cristã eram complementares. Devemos entender algo: apesar de ter havido sim um manejo da filosofia focado na religião, nota-se que não era essa a única preocupação dos medievais. Muitos dos conceitos antigos que damos por entendidos só foram possíveis graças a eles, que trataram de preservar e reelaborar os pensamentos de Platão, Aristóteles e inúmeros outros filósofos. Entre outras contribuições, temos aprimoramentos da lógica, da epistemologia, estética, política, etc.

É nesse período da história que também se criam as primeiras universidades, polos da filosofia, direito e medicina. Grandes nomes deste período foram: Santo Agostinho de Hipona (354-430), Severino Boécio (475—523), Santo Anselmo de Cantuária (1033-1109), Pedro Abelardo (1079-1142), Santo Alberto Magno (1199-1280), São Boaventura (1221-1274), São Tomás de Aquino (1224-1274), Duns Scotus (1265-1308), Nicolau de Cusa (1401-1464). Trazendo aqui alguns fatos neste pequeno espaço escrito, explicamos que sim, existiu filosofia na Idade Média. Para a afirmação de que não existia filosofia na era medieval: Fumaça. Autoria: Luís Santos e Wanessa Santos.



FAGULHA



EDIÇÃO N°20

@FAGULHA_JORNAL

16 JUNHO 2026

VOCÊ CONHECE?

“Um livro somos nós, eu bem o sei...”, palavras da poetisa portuguesa Florbela Espanca (1894-1930), a qual marcou o mundo com sua lírica trágica. Em sua poesia, o amor e a melancolia são temas centrais: “livro do nosso amor, do nosso peito... Abre-lhe as folhas devagar, com jeito (...) olha que outro já não sei compor”. Fez de sua atormentada percepção da vida uma arte versificada. Quem quiser conhecê-la, leia seus versos: “Desgraçados que no mundo passais, chorai ao lê-lo! Somente a vossa dor de torturados pode, talvez, senti-lo... e compreendê-lo (...) chorai comigo a minha imensa mágoa, lendo o meu livro só de mágoas cheio!...”. De mágoa em mágoa, a poetisa fez história: em 1917, concluiu um curso de Letras e ingressou em seguida no curso de Direito da Universidade de Lisboa, sendo a primeira mulher a frequentar o curso nesta instituição; em 1919, publicou sua primeira obra, intitulada



“Livro de Mágoas”; nos anos de 1921 e 1923, enfrentou o preconceito social derivado da sua condição de divorciada. Florbela morreu em 1930, suicidando-se no dia de seu aniversário (08 de dezembro). Apesar de, encontramos em Florbela o nome digno de poetisa; ela não morreu, tornou-se poesia: “E se um dia hei de ser pó, cinza e nada, que seja a minha noite uma alvorada, que me saiba perder, pra me encontrar”. Autoria: Samuel Cardoso, Jonas, Maria Lopes.

FAGULHA



EDIÇÃO N°20

@FAGULHA_JORNAL

16 JUNHO 2026

LABIRINTO

Encontre as palavras perdidas destas frases famosas na filosofia:

P	T	Z	G	F	R	Z	S	O	M	H	Z	M	T
S	R	E	K	A	W	C	B	D	L	V	M	F	J
U	A	G	N	B	Q	T	L	N	F	E	X	V	P
M	B	J	C	O	T	L	U	U	S	M	M	A	L
L	A	U	Z	S	A	Q	X	M	C	M	A	M	M
V	L	A	E	C	O	W	O	E	H	S	U	E	Y
K	H	R	J	S	H	R	C	Z	I	E	D	P	P
Y	A	X	E	K	Q	E	T	A	Y	W	N	E	M
D	D	Q	V	H	H	U	A	U	K	G	A	L	A
V	O	K	R	N	L	W	E	P	O	I	S	E	G
Q	R	N	O	L	Q	U	S	C	O	L	C	G	A
J	E	C	Y	Q	O	I	M	O	E	R	E	Y	C
R	S	J	Y	W	W	S	N	M	U	R	I	N	Z
B	P	S	D	Z	U	I	N	F	E	R	N	O	G

Autoras: Cristiane Baniski,
Heloyse Tomal,
Danieli Kirschner.

- "_____ -te a ti _____." (Sócrates)
 "O _____ são os _____." (Sartre)
 "_____ do _____, uni-vos!" (Marx)
 "Ninguém _____, torna-se _____." (Beauvoir)
 "Lembre-se de _____." (Kant)

FAGULHA



EDIÇÃO N°20

@FAGULHA_JORNAL

16 JUNHO 2026

ARRUAÇA

A música Malandragem foi feita por Cazuzza para Angela Ro Ro, mas Angela não deu importância para a música. Tempos depois, após o falecimento de Cazuzza, Cássia Eller encontrou a música e, logo em seguida, ela fez muito sucesso. Essa música fala sobre uma menina, uma adulta que ainda se vê criança: “Quem sabe ainda sou uma garotinha / Esperando o ônibus da escola sozinha / Cansada com minhas meias três quartos / Rezando baixo pelos cantos / Por ser uma menina má”. Com isso, a música estava querendo dizer que, mesmo estando triste, se sente uma criança impotente diante ao mundo. Por isso, a música clamava a Deus por um pouco de malandragem, pois ela era uma poeta e não aprendeu a amar. Não tinha desvendado a malandragem do mundo. Cássia se identificou com a música, pois se sentia uma criança diante do mundo cheio de malandragem. Autora: Júlia Gabrieli. Escola Estadual Prof. Balduino Cardoso, Porto União/SC, 1º ano do Ensino Médio.



FAGULHA



EDIÇÃO N°20

@FAGULHA_JORNAL

16 JUNHO 2026

FILOSOFINHAS/OS

Há muito tempo, um homem chamado Hans Andersen escreveu um pequeno texto chamado “A pequena vendedora de fósforos”. Nele, contou a história de uma menininha. Ela era pobre, sozinha e andava descalça até mesmo em meio à neve. Dentro de seu avental, ela carregava uma caixinha de fósforos e tentava vendê-los um a um, na esperança de comprar algo para comer. Com fome e desanimada, a menininha perambulava pelas ruas, passando em frente às casas, vendo as famílias reunidas, mesas fartas de comida e lindos enfeites nas janelas. Mesmo naquele frio, ninguém a convidou para entrar. Restou-lhe sentar-se em um canto, endurecida de frio, e começar a acender fósforo após fósforo, na tentativa de se esquentar, apenas podendo imaginar o sabor das coisas que viu através das janelas. Talvez essa história nos faça pensar sobre como certas coisas existem para todos, como o calor do sol, o brilho das estrelas e o ar



que respiramos, e outras coisas que os seres humanos produzem juntos, mas que nem sempre são divididas de maneira justa. Quando algumas pessoas têm muito mais do que precisam, enquanto outras não têm o suficiente para viver bem, surgem a pobreza, a fome e o abandono. Um mundo melhor é aquele em que ninguém precisa sentir frio sozinho do lado de fora de uma porta fechada. Autoria: Thiago Stadler, Brenda Zahra.

FAGULHA



EDIÇÃO N°20

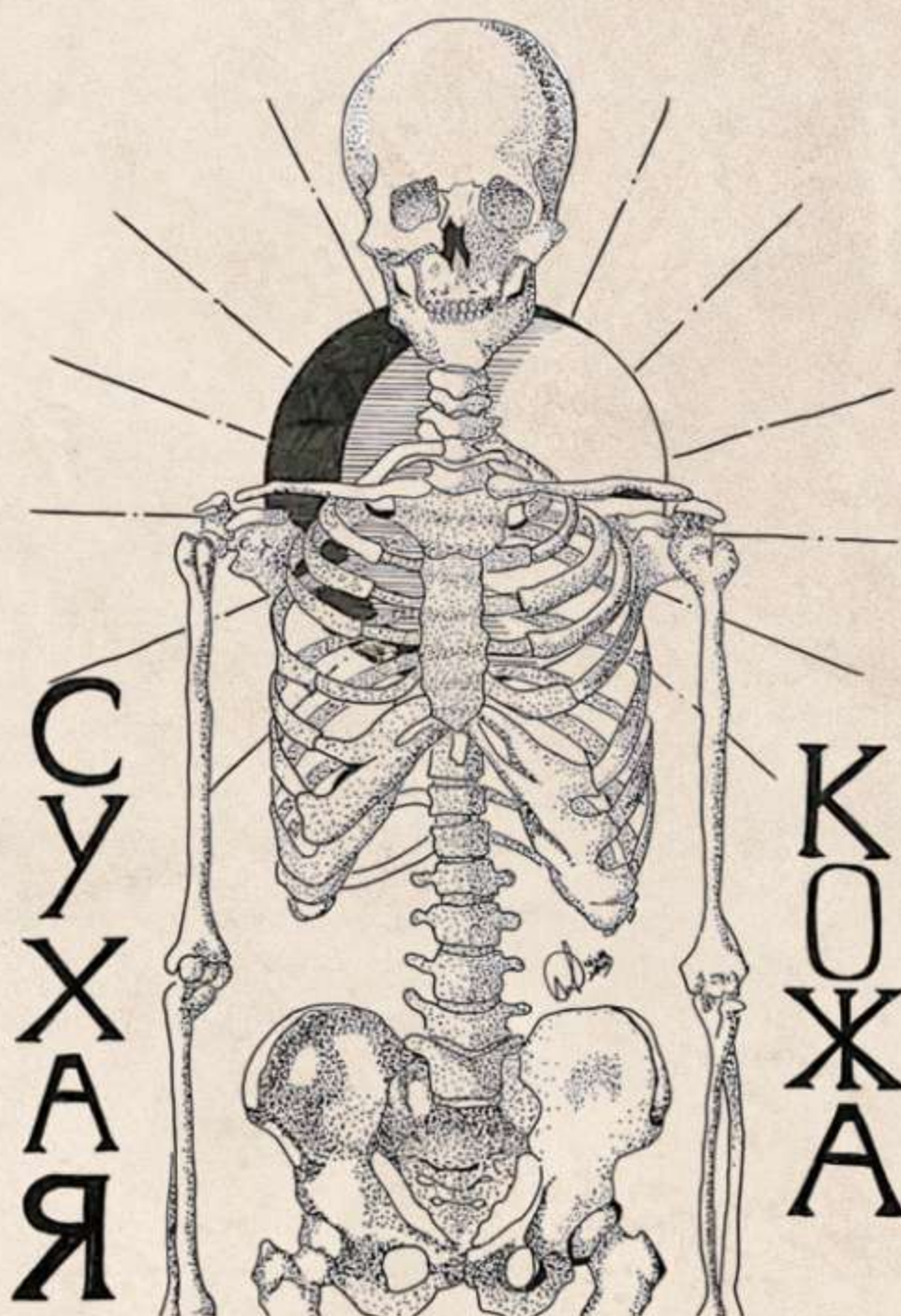
@FAGULHA_JORNAL

16 JUNHO 2026

FILOSOFIA ILUSTRADA

PELE SECA

Autora: Nina Joly.



**desenho vencedor do
concurso do Fagulha.**